





# ÍNDICE

página 3 // A história da Cauda Luís Monteiro página 5 // Turismo e gentrificação Ana Barbosa e Miguel Lobo Barbosa

página 6 // Greve feminista internacional: estamos todas convocadas! Inês Santos

página 7 // A importância da luta LGBTI+ nas Escolas Pedro Loução página 8 // Ecossocialismo: solução contra o populismo Igor Gago

página 9 // O que é o fenómeno *Handmaid's Tale* e porque é que nos toca tanto? Sara Azul

página 10 // Breves

página 11 // Agenda

## **EDITORIAL**

Este foi um ano de batalhas difíceis, com momentos de embate, avanço e, sobretudo, de abertura aos muitos desafios que temos pela frente, ficando a certeza de que não faltará luta para os enfrentar. A primeira edição do Pão e Cravos de 2019 reflete as vitórias e aponta os desafios pela frente. A redução das propinas, conseguida pelo movimento estudantil e pela pressão do Bloco no Orçamento do Estado 2019, ou a desistência do consórcio ENI/GALP do furo de de petróleo na Costa Vicentina foram alguns dos momentos altos do trabalho e lutas incessantes em que o Bloco e o movimento social não abandonaram a linha da frente. Não podemos deixar de realçar o PREVPAP, que trouxe a consolidação dos vínculos laborais dos e das trabalhadoras do Estado em situação precária, bem como a garantia da gratuitidade dos manuais escolares até ao 12º ano em todo o país. Aos poucos, ainda que não rápido o suficiente e não tão amplamente como o necessário, mais e melhores condições estão a ser atingidas.

Se estas vitórias foram importantes e um marco para a esquerda, muitas lutas nos esperam em 2019. Já no dia 8 de março, sairemos todas à rua na Greve Feminista que se aproxima. Por toda a Europa tem havido uma desilusão generalizada com as instituições, rendidas aos interesses financeiros, que tem alimentado uma ascensão da extrema direita à qual Portugal já não foge. É mais importante do que nunca a construção de uma Europa solidária e livre de preconceitos e não uma Europa manipulada por discursos de ódio e falsas conceções da realidade que transformam minorias em bode expiatório. A crítica cultural apresentada nesta edição enquadra-se nesta problemática, explo-

rando uma obra ficcional em que as consequências do revivalismo conservador e totalitário dão corpo a um mundo distópico que ameaça começar a existir fora das páginas de um romance. Também nesta edição discutimos a crise da habitação em Portugal. A subida das rendas continua a esvaziar os centros urbanos de moradores, cada vez mais marcados pela gentrificação, vincando a necessidade de intervenção sobre a especulação imobiliária e de uma nova visão sobre a reabilitação urbana e a habitação pública.

A devolução de rendimentos conseguida nesta legislatura tem sido um passo importante que alivia quem foi sufocado pela direita. É do rendimento do trabalho que a maioria vive e é do lado de quem trabalha que o Bloco se posiciona. Não há melhor forma de garantir a justiça social do que mexendo na lei laboral, protegendo quem trabalha através da contratação coletiva, da valorização do salário e dos direitos laborais. A garantia das melhorias das condições de vida é impossível sem a intensificação do movimento social e da agitação popular. Só nas ruas é que podemos ir mais longe, garantindo o avanço que a política institucional não nos permite

A Coordenadora Nacional de Jovens do Bloco de Esquerda está a organizar mais um Inconformação - um momento de reflexão coletiva e de análise política numa perspetiva socialista, ambientalista, feminista e inconformada face ao status quo. Como tal, temos encontro marcado em Carregal do Sal, no fim de semana de 8 a 10 de fevereiro para, em conjunto, traçarmos as linhas das lutas futuras e as bases de um futuro mais igualitário e justo!

# A HISTÓRIA DA CAUDA

Luís Monteiro

A descida das propinas, aprovada no Orçamento do Estado para 2019, ainda que não represente o fim da política de propinas, é um passo no caminho certo para a sua abolição. A medida, universalista e solidária com a ideia de Estado Social como garante da redistribuição da riqueza, traduz-se numa mudança estrutural no modelo de financiamento do Ensino Superior, combate congelado nas últimas duas décadas.

O corte no teto máximo das propinas, no valor de 212€, comporta um alívio significativo nos rendimentos das famílias com filhos a estudar. E, ao contrário daquilo que a Direita andou a apregoar, nenhum bolseiro ficará prejudicado pela descida das propinas. Ao invés, terão mais rendimento de bolsa mensal, porque a propina desce, mas a bolsa mantém-se.



Segundo o último estudo produzido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), "Estado da Educação 2017¹", apenas o Reino Unido e a Irlanda do Norte praticam uma apolítica de propinas mais alta do que a portuguesa². Em contraponto, continuamos a ser um dos países onde o fosso entre o valor da propina e o financiamento de Ação Social Direta (bolsas de estudo) é mais elevado. O impacto direto e indireto destas políticas de saque fiscal às famílias com estudantes no ensino superior tem servido de travão para o aumento do número de diplomados. Segundo os números da OCDE, Portugal continua aquém das metas apontadas para 2030: ter 40% de diplomados entre os 30 e os 34 anos.

Não há discussão sobre modelo de financiamento do Ensino Superior sem falar de propinas, tal como não podemos falar de política de propinas sem ter em vista uma profunda alteração no modelo de financiamento do Ensino Superior. Esta relação de causa-efeito cria uma certa dependência entre os próprios objetos em discussão.

Porém, qualquer que seja a mudança de paradigma projetada para esse fim, não está livre de disputar a hegemonia neoliberal que, numa contrarrevolução política e fiscal, tem tentado reconverter o papel do Estado, trocando serviços públicos universais pelo modelo de utilizador-pagador.

É, até, constrangedor, ouvir a Direita quando acusa os defensores do fim das propinas de ajudarem os mais ricos. Ora, não é a medida de redução do seu valor uma política regressiva, é a própria existência da propina a política regressiva. Atentemos ao que o Tribunal Constitucional deliberou, através da publicação do Acórdão 148/94, acerca da matéria:

"Nesta matéria a situação que, presentemente, se verifica em Portugal é profundamente inequitativa, na medida em que introduz uma discriminação negativa nas despesas das famílias portuguesas com a educação, resultando num maior benefício para as famílias de mais altos rendimentos, e contraria, por essa forma, a justiça distributiva visada pelo sistema

2 3

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>http://www.cnedu.pt/content/CNE EE 2017.pdf

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Figura 6.2.23. Valor mais frequente das propinas (inclui taxas administrativas) no ensino superior (CITE 6), 2017/2018. Estudantes a tempo inteiro. Europa.

É, até, constrangedor, ouvir a Direita quando acusa os defensores do fim das propinas de ajudarem os mais ricos. Ora, não é a medida de redução do seu valor uma política regressiva, é a própria existência da propina a política regressiva.

fiscal. Acresce, ainda, que se trata de um valor igual para todos os alunos, independentemente da sua situação económica, o que introduz um outro factor de injustiça, uma vez que no ensino superior os benefícios revertem em parte para os próprios alunos."<sup>3</sup>

O debate, portanto, é de natureza política. Como deve funcionar o investimento no Estado Social e nos

servicos públicos? Ao contrário da visão do utilizador pagador, onde o pobre e o rico pagam o mesmo, um sistema justo de impostos (aquele que está consagrado na CRP) defende que quem tem mais, paga mais de impostos, quem tem menos paga menos. Não é à porta da faculdade que se redistribui a riqueza, é num sistema fiscal progressivo, essa ideia que não é nova mas continua a assustar os campeões do Estado Mínimo. Infelizmente, os últimos anos têm demonstrado que as escolhas foram todas no sentido contrário do fim das propinas, do reforço do Ensino Superior e dos restantes serviços públicos. Está provado que a fórmula de Universidade como quasimercato nos atirou para a cauda da Europa. Estejamos nós bem agarrados para não sermos atirados borda fora.

É assim. Era uma vez uma cauda chamada Ensino Superior. Propinas das mais altas – na cauda da Europa; níveis de diplomados dos mais baixos da OCDE – na cauda Europa; investimento em Ação Social dos mais distantes da média da União Europeia – na cauda da Europa. Se estamos de corpo inteiro no Ensino Superior, então não gueremos ter direito só à cauda.



Manifestação de estudantes do ensino superior

#### <sup>3</sup> https://dre.pt/application/conteudo/250665

# TURISMO E GENTRIFICAÇÃO

Ana Barbosa e Miguel Lobo Barbosa

Vivemos num tempo, guerem-nos convencer, em que números e factos importam pouco. Nada mais tolo: nem estes são manobráveis à vontade do freguês, nem a nossa análise da realidade os pode obviamente dispensar. Comecemos pelas estatísticas avassaladoras do turismo nas duas principais urbes portuguesas. Lisboa foi visitada, em 2017, por 4,5 milhões de turistas (ou seja, **9 por cada habitante**). Já o Porto recebeu, no mesmo período, 1,6 milhões de visitantes, quase 8 por cada residente. Em comparação, cidades como Londres e Barcelona - onde, inclusive, já imperam algumas medidas públicas de controlo deste fenómeno - lidaram com menos de 5 visitantes por residente. Perante este cenário, impor-se-ia a ilação de que há um excesso de procura turística nos casos considerados, pelo que são necessárias reflexões e soluções. Não tem sido esse o caso.

Citando o burgomestre da Invicta, Rui Moreira:

"Todos os males fossem esse". Não serão todos, Rui, mas já não andaremos muito longe. O processo desenrola-se à nossa frente, quotidiana e continuamente. Como pode este escapar aos órgãos e entidades alegadamente competentes? Não escapa, mas dá-se infelizmente o caso de estes estarem dedicados – apenas e só - ao insuflamento desta "bolha", as mais das vezes em proveito próprio. Medidas como a Autorização de Residência para Atividade de Investimento, conhecida por vistos gold, contribuíram para uma subida dos preços das casas. Desde 2013, 6017 dos 6277 vistos atribuídos foram pela compra de casas de valor superior a 500 mil €.

O disparo da procura de casas e de factores de valorização como reabilitação, localização, vizinhança e paisagem criaram uma enorme pressão nos centros das cidades. Famílias que ali residiam desde há muitos anos são confrontadas com abordagens de advogados e empresas imobiliárias cujo objectivo é retirálas o mais breve possível, seja através de ordens de despejo ou assédio prolongado. São igualmente alvos deste cerco muitos espaços - de comércio tradicional, mas também públicos – que serviam, até há pouco tempo, como "âncoras" da comunidade.

Surpreende-nos a escassez de pensamento marxista sobre o turismo, considerando sobretudo que se proclama ser esta uma das maiores indústrias do mundo. Mais ainda, as facilidades que hoje existem

para os que podem viajar internacionalmente surgem claramente como resultado da rápida globalização do capitalismo e inerentes desigualdades que daí surgem. Por um lado, a precariedade laboral e a sazonalidade do trabalho são a norma neste "admirável mundo novo". Abundam os casos de trabalhadores com salários de miséria e centenas de horas não remuneradas. Os "colaboradores" são totalmente descartáveis neste negócio, contratados apenas durante a "época alta", abolindo-se qualquer espécie de vínculo laboral e, consequentemente, de protecção social. Pelas condicionantes do turismo, os trabalhadores são colocados em posição desfavorável em termos salariais e de poder de compra, acentuando e perpetuando desigualdades. Mais ainda, a estrutura do mercado turístico orienta-se cada vez mais para um crescente e perverso cosmopolitismo, segmentando populações e trabalhadores por etnia, nacionalidade e género.

O disparo da procura de casas e de factores de valorização como reabilitação, localização, vizinhança e paisagem criaram uma enorme pressão nos centros das cidades.

A penetração do turismo capitalista tem servido não só para reforçar a mercantilização da força de trabalho, mas também para reforçar estereótipos e falsas concepções sobre a hospitalidade e o servilismo dos povos visitados, forçosamente verticalizando as relações.

A nossa luta deverá, por isso, ser cada vez mais direcionada no sentido de fomentar a organização de residentes e trabalhadores explorados por e neste sector, nunca num sentido "nacionalista", mas sim numa lógica da capacitação dos seus direitos, de fomentação da capacidade de resistência face aos poderes instalados e predatórios, veiculando uma nova capacidade reivindicativa.

# GREVE FEMINISTA INTERNACIONAL: ESTAMOS TODAS CONVOCADAS!

Inês Santos



Marcha solidária com a greve internacional de mulheres. Lisboa, 8 d março de 2018

No passado dia 8 de março de 2018, vários colectivos uniram esforços e responderam ao chamado: a greve feminista internacional de 2019 estava convocada, e apelava-se a que a participação e mobilização superasse o até à data visto. Enquanto que no Estado Espanhol pudemos assistir a uma das maiores mobilizações nacionais numa greve geral, ainda mais com um cunho feminista, em Portugal este evento marcante da história recente foi ignorado pelos media e apelidado como "show-off" das companheiras vizinhas.

A constante sobreposição da luta de classes perante as lutas identitárias e discriminatórias que existe na cultura da esquerda comunista ortodoxa, um pouco por todo o mundo, não permite fazer uma leitura correta do que é o movimento social atual, e nem mesmo do que é a luta feminista interseccional e, se se quiser ir mais longe, do que é a luta de classes no séc. XXI.

Uma luta de classes que ignora as especificidades das descriminações no local do trabalho, ou do acesso ao mesmo, derivadas de outras opressões como o racismo, machismo, sexismo, LGBT-fobia, é uma luta inglória, obsoleta e que afasta cada vez mais as pessoas do movimento sindical e anti-precário. Antes mesmo da condição de trabalhadoras, somos fundamentalmente pessoas, com vivências diferentes, de vários contextos sociais distintos, sendo este facto

imprescindível para que se entenda claramente que a luta só se constrói quando se construir a luta toda.

A greve do 8 de março não se foca apenas na violência sobre as mulheres no contexto privado ou fora do local de trabalho – deixemos isso para 25 de novembro, dia internacional de luta pelo fim da violência sobre as mulheres, onde também se inclui as descriminações vividas em contexto laboral. Apesar do 8 de março ser também celebração, este não se rende à lógica consumista e capitalista em que foi transformado, apagando e descaracterizando um dia marcado pela **luta feminista socialista operária e pela luta sufragista** do início do séc. XX.

É por isso que esta é uma greve feminista, mas também impreterivelmente anticapitalista. É uma greve ao trabalho enquanto formos descriminadas nos nossos contratos, nos nossos salários, na nossa vida laboral. É uma greve estudantil enquanto formos descriminadas no acesso à educação, enquanto formos estigmatizadas por frequentar cursos vistos como "masculinos" (segundo os preconceitos sexistas vigentes), enguanto os cursos "femininos" continuarem a ser desvalorizados ou considerados mais fáceis por serem mais frequentados por mulheres. É uma greve aos cuidados, enquanto gastarmos muito mais tempo em tarefas de índole doméstica e na prestação de cuidados a terceiros (crianças, idosos ou pessoas com diversidade funcional) do que os homens: pais, companheiros, irmãos, filhos. É uma greve ao trabalho não-remunerado enquanto não for reconhecido como trabalho e esse reconhecimento der respostas concretas à situação das mulheres que o executam. E, por fim, é uma greve ao consumo, não só porque desejamos uma greve extremamente participada, com a implicação da impossibilidade de consumo, mas também porque a ida às compras, que é ainda tão fortemente suportada pelas mulheres, gera rendimento às grandes corporações capitalistas. Este é um tipo de trabalho assalariado ao qual também fazemos greve porque sabemos que as empresas de grande consumo se aproveitam da exploração e, por vezes, da escravização de mulheres com as quais estamos solidárias, e para as quais reivindicamos também os seus direitos laborais reconhecidos.

Se as mulheres param, sejam elas professoras ou estudantes, trabalhadoras, domésticas ou consumidoras, o mundo pára.

# A IMPORTÂNCIA DA LUTA LGBTI+ NAS ESCOLAS

Pedro Loução

A escola, assim como a nossa família e o ambiente social em que crescemos, tem um enorme papel no desenvolvimento e na formação da nossa identidade. Sendo a escola um lugar de aprendizagem, tem como dever fornecer aos jovens informação sobre temáticas como sexualidade, identidade ou expressão de género. Por vezes, esta falta de informação deve-se à presença de padrões heteronormativos, conservadores e que incluem uma cadeia de noções tradicionais sobre sexualidade e de papéis atribuídos aos géneros no contexto binário. Neste momento, existem poucas escolas do país que oferecem formação a nível da diversidade sexual e estratégias para que as e os estudantes se sintam seguros no ambiente escolar.

É importante a presença constante da luta LGBTI+ nas escolas para a desconstrução da sociedade heteronormativa que censura as minorias sexuais. Não só a rutura com o género e as ideias formatadas, mas também a luta contra a homofobia e o preconceito pode ser travada nas escolas. Porquê? Porque esta é palco de agressões verbais e físicas a pessoas LGBTI+ que são condenadas a sentirem-se inseguras e oprimidas por não se enquadrarem nos padrões sociais heteronormativos e tradicionais que compõem a sociedade atual.

A existência de alianças entre pessoas LGBTI+ nas escolas favorece a integração das e dos estudantes que se sentem mais isolados. É o exemplo de uma escola secundária em Odivelas. Em maio de 2018, alunas e alunos da Escola Secundária da Ramada juntaram-se e criaram um clube (ESR True Colours), tanto para pessoas LGBTI+, como para pessoas que

não o são. Este projeto acolheu mais de 60 estudantes e é aberto a toda a comunidade, com o objetivo de integrar, informar, proteger e divulgar assuntos com a temática LGBTI+ e também com a própria sexualidade e identidade de género, integrando ainda a realização de projetos no âmbito racial e outros. A partilha de experiências idênticas mas simultaneamente diversas entre pessoas LGBTI+ é importante para a entreajuda e a cooperação na luta.

A falta de representatividade de outras orientações sexuais ou identidades de género sem ser a tradicional, a cis-heteronormatividade nos manuais escolares, as ofensas mal intencionadas ou até mesmo intencionadas por parte dos professores e funcionários, os argumentos conservadores e a exclusão em atividades extra curriculares são também uma forma de preconceito que acontecem nas escolas.

É importante persistir para uma mudança urgente nas escolas! Unirmo-nos na luta aumenta a probabilidade de mudança. Queremos uma educação sexual inclusiva, uma maior inclusão e informação e o fim do preconceito!



7

# ECOSSOCIALISMO: SOLUÇÃO CONTRA O POPULISMO

Igor Gago

A ideologia ecossocialista parte da defesa de que num sistema com recursos limitados (o nosso planeta) o capitalismo, por procurar apenas o lucro, só pode resultar na destruição do próprio sistema e que apenas o socialismo consegue, através de meios democráticos, construir uma economia sustentável, igualitária e justa. Assim, umx Ecossocialista considera que, num modelo de sociedade sustentável, as políticas económicas não podem ser independentes das políticas ambientais.

Observando o plano mundial, é possível perceber claramente que o Ecossocialismo está em crescimento. Um exemplo notável desta tendência é a eleição de Alexandria Ocasio-Cortez para a Câmara de Representantes dos Estados Unidos, pelo estado de Nova Iorque. Esta ativista de 29 anos é a mulher mais jovem alguma vez eleita para o cargo, com uma campanha focada no Socialismo Democrático e num Green New Deal. Neste plano de ação ecologista, Ocasio-Cortez defende uma transição energética resultante em 100% de energias renováveis e advoga um conjunto de reformas laborais a acompanhar esta mudança, como o desenvolvimento de sindicatos, tanto a nível local como nacional, e a garantia universal de um trabalho digno para todxs xs que queiram participar na transição energética.



Alexandria Ocasio-Cortez, a mais jovem mulher eleita para a Câmara de Representantes dos E.U.A, pelo Estado de Nova Iorque.

Engana-se quem acredita que este crescimento é apenas uma fase ou uma moda do momento, o Ecossocialismo está alicerçado em princípios ideológicos que só se vão tornar mais necessários com a sucessiva degradação do planeta e na luta contra a expansão da extrema-direita. Encabeçados internacionalmente por Donald Trump, xs populistas continuam a estender os seus tentáculos pelos vários regimes do mundo (democráticos ou não) e a promover ideias que põem em risco toda a humanidade. O Ecossocialismo é uma das poucas estratégias de combate ideológico que pode derrotar o populismo extremista, já que consegue responder com soluções concretas aos problemas de que a direita populista se tem aproveitado.

No plano económico, a extrema-direita continua a proclamar-se como companheira do povo e como solução para a desigualdade crescente, enquanto defende a desregulação do mercado, colocando o povo em situações de precariedade permanente. Em contraste, o Ecossocialismo promove a segurança e a democratização do local de trabalho, garantindo, assim, direitos básicos e afastando esta faixa populacional da demagogia xenófoba. Tendo em conta a política de "lucro acima de tudo", não é surpreendente ver os líderes de doutrinas extremistas negarem as alterações climáticas, visto que proteger o planeta exige regulação apertada da indústria e outros horizontes além do lucro financeiro. Aliás, são estas mesmas alterações climáticas que todos os anos levam a que milhões de pessoas sejam forçadas a deslocar-se, criando refugiados climáticos suscetíveis à falácia do choque de civilizações, reforçando o movimento xenófobo e populista. Hipocrisia ao mais alto nível.

A extrema-direita populista resulta de alianças entre campos ideológicos de segregação cultural e grandes interesses económicos. Não tendo fundamentação sustentável, só consegue apoio social quando não existem alternativas fortes contra o crescimento da precariedade capitalista. O Ecossocialismo é um feixe de esperança, procurando ser uma alternativa na construção de um modelo económico socialista ao mesmo tempo que salva o planeta.

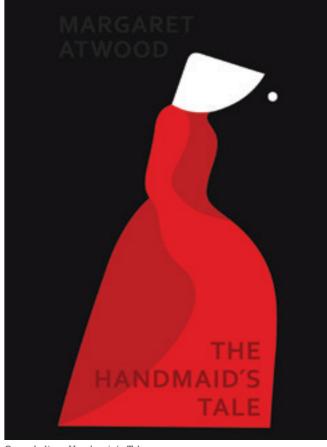
# O QUE É O FENÓMENO *HANDMAID'S TALE* E PORQUE É QUE NOS TOCA TANTO?

Crítica por Sara Azul

Handmaid's Tale é uma obra da autora canadiana Margaret Atwood, de 1985. A narrativa centra-se na personagem Offred, uma serva na República de Gilead, uma República totalitária e patriarcal que ocupou grande parte dos EUA. Gilead, sendo um regime teocrático e extremista, relega a mulher para um plano de subserviência ao homem, não possuindo esta qualquer direito (a mulher em Gilead não pode trabalhar, estudar, ler ou ser autónoma de qualquer forma). As servas, como Offred, servem de barrigas de aluguer para casais que não se conseguem reproduzir naturalmente (as taxas de fertilidade em Gilead são extremamente baixas). O acto em si é visto como um ritual, sendo a serva violada uma vez por mês, durante o seu período fértil.

Para além de uma distopia futurista, *Handmaid's* Tale parece ser uma verbalização de um sentimento colonialista e puritano que nunca deixou a génese americana por completo. É a própria Margaret Atwood que, em entrevista a Danita Dodson em 1997,1 estabelece o paralelo entre os primeiros colonos americanos do século XVII (que, segundo Atwood, ao contrário da suposta democracia que adviria da colonização, estabeleceram um regime estritamente teológico e patriarcal) e este romance do século XX. Se formos um pouco mais longe, podemos admitir que a instauração da república de Gilead no território onde hoje se encontram os EUA não é de todo um acaso. O prolongado sentimento puritano de superioridade nacional (que se faz sentir a nível racial, étnico e sexual) advém do que se denomina de mito americano, propagado política e literariamente e expresso através da clara ambição de supremacia mundial que se mascara em parte por detrás da premissa do sonho americano.

Atwood escreveu este romance num período de forte revivalismo conservador (com as eleições de Reagan nos EUA e Tatcher no Reino Unido), no qual movimentos feministas sentiram postos em causa vários direitos conquistados nos anos 60 e 70. Mesmo o ambiente de destruição pós-nuclear parece refletir o medo presente nos anos 80 (à semelhança de obras da mesma época como White Noise, de Don DeLillo, de 1985). A questão que se apresenta agora, depois deste preâmbulo, é a seguinte: porque é que obras como



Capa do livro Handmais´s Tale

Handmaid's Tale continuam relevantes e assustadoramente possíveis e reais em 2018? Uma das respostas óbvias, certamente, será a tradução desta obra para televisão, em formato de série em 2017 (adaptado por Bruce Miller). Outra, mais real e assustadora, poderá ter que ver com o aparecimento e aumento da influência de movimentos de extrema-direita e do "alt-right". Estes movimentos revelam querer um retrocesso ao nível dos ganhos acumulados conseguidos pelos movimentos LGBT e feministas e, de uma maneira cínica e inteligente (através de um sentimento conspirativo falacioso), parecem cada vez mais infiltrar a mente e a ideologia de uma população claramente mais jovem.

Handmaid's Tale surge como mais um exemplo em que a arte e a cultura nos alertam para os perigos de cairmos, ou voltarmos a cair, em sociedades repressivas e da importância de, todos os dias, pensarmos o mundo.

f 8

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Danita J. Dodson (1997) An Interview with Margaret Atwood, Critique: Studies in Contemporary Fiction.

## **BREVES**

### Fim das Propinas

No seguimento da Convenção Nacional do Ensino Superior, o Presidente da República e vários membros do Governo defenderam o fim da propina. A redução das propinas conseguida pelo Bloco no Orçamento do Estado para 2019, com vista ao fim das propinas, passou de um consenso minoritário para um objetivo concreto quanto à política para o Ensino Superior. Acabar com as propinas não é um pesadelo, mas uma medida justa e necessária à democratização do Ensino Superior. O Ministro do Ensino Superior põe em hipótese o fim das propinas em 2030. Respondemos que o fim das propinas tem de ser para agora, já ná próxima legislatura!





## Liberdade de Expressão, tolerar a intolerância?

Tem sido aceso o debate em torno da liberdade de expressão, mas não nos deixemos enganar: a liberdade de expressão não passa por tolerar a intolerância. A visibilidade dada a Mário Machado na TVI, banalizando a sua imagem e ideias, somente contribui para a normalização de alguém que movido pela política do ódio matou Alcindo Monteiro há 23 anos, numa "caça ao negro". O "fenómeno" dos coletes amarelos em Portugal, instrumentalizado pela extrema-direita, foi insuflado pelos meios de comunicação social, fazendo passar por grande aquilo que era ínfimo. Enquanto isso, mobilizações como a da CGTP, em novembro, ou a concentração de trabalhadores precários em frente ao Ministério do Trabalho pela mesma altura que os coletes amarelos, pouco ou nenhum espaço tiveram nos noticiários. A banalização da extrema-direita não cabe na liberdade de expressão.

## EuroPride em Portugal

A Variações – Associação de Comércio e Turismo LGBTI+ de Portugal, apoiada pela ILGA e pelo Governo, vai candidatar-se à organização do EuroPride em Portugal. Esta candidatura que promete mais adesão que a web summit ou a eurovisão, num "pink-washing" assumido com a fachada da promoção dos direitos LGBT, fecha também a porta à livre participação, advertindo que por motivos de segurança, as pessoas que quiserem marchar terão de fazer uma pré-inscrição. A candidatura a ser aceite, e lendo a carta de intenção destas duas associações, desvirtua por completo o conceito de manifestação LGBT, despolitizando as marchas e transformando a luta LGBT num ganho substancial de capital como o próprio representante da variações afirma na entrevista que dá ao Público - "benefícios económicos reais ao país, uma vez que atrai milhares de pessoas e empresas que querem estar num espaço que defende os direitos humanos".



## **AGENDA**

#### O Movimento Estudantil e o 25 de Abril

Painel: Pacheco Pereira (moderação), Fernando Cadiera, Luís Pessoa, Baptista Alves e Carlos Cost. Lisboa, salão nobre do Instituto Superior Técnico - Av. Rovisco Pais, 1 18 de janeiro, 18h

#### 9ª edição da Mostra de Cinema da América Latina

Loulé, Cine-Teatro Louletano 25-27 de janeiro

#### Encontro do Interior – Alijó

Alijó, Teatro Auditório Municipal - Avenida Teixeira de Sousa 28 de janeiro, 10h

#### Inconformação 2019

Organização: Jovens do Bloco 8-10 de fevereiro, Carregal do Sa

### **ADERE AO BLOCO**

Este formulário é uma pré-adesão ao Bloco de Esquerda. Depois de o preencher, serás contactado/a para formalizar a adesão e o pagamento da quota anual (Valor mínimo: 15 euros). Entrega este formulário preenchido numa sede do Bloco.

ome:
orada:
mail:
odigo Postal:
calidade:
elefone / Telemóvel:
ata de Nascimento: (dd/mm/aaaa):
nprego / Actividade:
ús:

Ficha Técni

Equipa Editorial: Beatriz Simões, Catarina Agreira, Catarina Alves, Catarina Figueiredo, Francisco Pascoal, Inês Ribeiro Santos, Mafalda Escada, Pedro Loução.

Sede Nacional do Bloco: Rua da Palma, 268, Lisboa | esquerda.net | Facebook.com/jovensBE

10 11

